

CORREIO ECONÔMICO

Ipea: inflação em setembro afeta mais a renda menor

Taxa saltou de uma deflação de 0,19% para uma alta de 0,58%



José Cruz - Agência Brasil

Medida foi considerada desnecessária na reta final do ano

Governo descarta adoção, já, do horário de verão

Tudo na mesma. Desfazendo a expectativa crescente dos últimos dias, o horário de verão – amado por uns e detestado por outros tantos – ao menos, este ano, não será adotado. É o que garantiu o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, após participar de reunião com representantes do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS).

“Chegamos à conclusão

de que não há necessidade de decretação do horário de verão para este verão”, afirmou o ministro, ao acrescentar que “temos a segurança energética assegurada. É o início de um processo de restabelecimento da nossa condição hídrica ainda muito modesto, mas temos condições de chegar, depois do verão, em condição de avaliar a volta desta política”.

Avaliação ampla

Ainda sobre a decisão, Silveira considerou “importante que esta política seja sempre considerada”, acrescentando que o horário de verão “não pode ser fruto de uma avaliação dogmática ou política, pois tem reflexos tanto positivos, quanto negativos, no setor elétrico”.

Custo-benefício

“Como o pico do custo-benefício do horário de verão é nos meses de outubro e novembro, até meados de dezembro, caso o horário fosse decretado agora, usufruíamos muito pouco disso [pico] e ainda teríamos de fazer um planejamento mínimo para os setores”.



Marcelo Camargo - Agência Brasil

Entrada para financiamentos sobe de 20% para 30%

Caixa dificulta concessão de financiamentos de imóveis

Devido ao aumento das restrições para a concessão de crédito para imóveis do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), a Caixa Econômica Federal (CEF) resolveu exigir dos mutuários, a partir de 1º de novembro, uma entrada maior para o financiamento de imóveis, com recursos da poupança, além de redu-

zir o percentual financiado pela instituição.

A quem financia o imóvel pelo sistema de amortização constante (SAC), em que a prestação baixa ao longo do tempo, o percentual de entrada salta de 20% para 30% do valor do imóvel. Considerando o sistema Price, com parcelas fixas, o valor aumentará de 30% para 50%.

Esclarecimento

A Caixa esclarece que as mudanças se aplicam a futuros financiamentos não afetam unidades já financiadas pelo banco, que incluem o financiamento da construção, cujas condições estão mantidas. A CEF detém 70% do financiamento imobiliário brasileiro.

Plataforma

Uma consulta de informações sobre investimentos no Brasil e no mundo. É o que oferece a plataforma InvesVis, colocada no ar, pelo MDIC, nessa quarta-feira (16). Entre as vantagens, o novo serviço pode servir de base à tomada de decisões por governantes.

Justificativa

Como justificativa adicional às restrições adotadas, a Caixa explicou que a carteira de crédito habitacional do banco deve superar o orçamento aprovado para 2024. Até setembro, a Caixa concedeu R\$ 175 bilhões de crédito imobiliário, uma alta anual de 28,6%.

Instrumento

“O InvestVis é um instrumento valioso a empresas, formuladores de políticas públicas, pesquisadores, jornalistas e todos que se interessam pelo desenvolvimento econômico do Brasil, acentuou o titular do MDIC e vice-presidente, Geraldo Alckmim.

Por Marcello Sigwalt

O pleito municipal nem terminou – com segundo turno em diversas cidades, a exemplo da maior delas, a Capital paulista – mas a disparada inflacionária já é sentida por todas as faixas de renda, sobretudo as menos favorecidas, como aponta o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda, divulgado nesta terça-feira (15).

Segundo o estudo, para os domicílios com renda mais baixa, a taxa de inflação saltou de uma deflação de 0,19% em agosto, para uma alta de 0,58%, em setembro. Já para aquelas famílias de renda mais elevada, o indicador avançou de 0,13% para 0,33%, no mesmo comparativo.

Levando em conta o acumulado do ano, tal disparidade se torna ainda mais flagrante, em que a renda mais baixa arca com uma inflação de 3,43%, ante os 2,92%, aos mais aquinhoados financeiramente. Mas se o critério for o acumulado dos últimos 12 meses, as fa-



Agência Gov

Inflação foi mais cruel para as faixas de menor renda em setembro

mílias de renda média baixa registram menor variação inflacionária (4,28%), em comparação com às de renda mais alta (4,72%).

A pesquisa do Ipea mostrou, também, que os grupos alimentos e bebidas e habitação responderam pela

‘descompressão inflacionária’, referente a quase todos as faixas de renda. Desta forma, enquanto as famílias de renda mais baixa sofreram maior impacto da elevação dos alimentos no domicílio e das tarifas de energia elétrica, aquelas de renda alta – em que pese os

reajustes das passagens aéreas – encararam uma aceleração inflacionária menos intensa no período, face à menor contribuição dos aumentos dos alimentos e da energia.

O clima adverso se refletiu nos aumentos das carnes (3%) e das frutas (2,8%).

Faturamento do varejo aumenta 13%

O faturamento nacional do varejo subiu 13% em setembro, na comparação com o mesmo mês do ano passado. O crescimento aconteceu mesmo com a queda de 4% do fluxo nas lojas físicas, nessa mesma base de comparação. O recuo do fluxo foi maior nos estabelecimentos situados em shopping centers (-5%) do que naqueles situados na rua (-1%). Os dados são dos Índices de Performance do Varejo (IPV).

“Esse progresso está diretamente relacionado ao crescimento do ticket médio geral, que subiu 10%. Em lojas de shopping o aumento foi de 23%, enquanto nas situadas na rua, mais modesto, com 6% de alta”, destaca o IPV, em relatório.

Entre os segmentos, o setor de Tecidos, vestuário e calçados foi o destaque de setembro, com expansão de 29% no faturamento. O setor de Arti-

gos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (11%), no entanto, continua sendo relevante tanto para fluxo de visitação quanto para faturamento e vendas, seguindo a consistência de crescimento dos últimos meses.

Móveis e eletros em terceira queda

Em contrapartida, o nicho de Móveis e eletrodomésticos registrou o terceiro mês conse-

cutivo de queda, com retração de 2% no faturamento.

O Nordeste se destacou no faturamento nesta leitura, com um avanço de 44%, seguido pelas demais regiões, que também apresentaram números positivos.

A região foi a única no mês a registrar alta tanto no movimento em lojas físicas (2%) quanto nos shopping centers (10%), além do crescimento de 5% em vendas.

Ibovespa ‘ensaia’ voltar aos 132 mil pontos

O Ibovespa ensaiou retornar os 132 mil pontos nos melhores momentos da tarde nessa quarta-feira (16), a caminho do maior nível de fechamento em duas semanas, mas mostrou avanço menor com a virada no câmbio e também na curva de juros doméstica, do meio para o fim da etapa vespertina.

Assim, o índice da B3 encerrou ainda em alta de 0,54%, aos 131.749,72 pontos, sem quebra de ganhos nas últimas três sessões, em sequência não vista há quase dois meses, desde o intervalo entre 19 e 21 de agosto. O giro foi a R\$ 51,7 bilhões, reforçado pelo vencimento de opções sobre o Ibovespa. Na semana, o Ibovespa sobe 1,35%, quase zerando a perda do mês (-0,05%). No ano, o índice da B3 recua 1,82%.

Nesta quarta-feira, o Ibovespa oscilou entre mínima de 130.780,18 e máxima de 132.232,66 pontos, saindo de



Rovena Rosa - Agência Brasil

Momento positivo da Vale põe índice na trilha dos 132 mil pontos

abertura aos 131.044,57 pontos. Em dia de vencimento de opções sobre o índice, a ponta compradora se impôs à vendedora, trazendo o Ibovespa um pouco mais para cima a despeito da falta de contribuição do câmbio na sessão – em alta de 0,14%, a R\$ 5,6651 – e da

curva do DI, que se firmou em alta. Dessa forma, os ganhos do dia na B3 foram assegurados em boa medida pelo avanço de Vale (ON +1,91%), a ação de maior peso no Ibovespa, e pelo desempenho de uma parcela dos grandes bancos.

Na noite da terça, a Vale di-

vulgou relatório revelou que a produção de minério de ferro do terceiro trimestre foi a maior desde o quarto trimestre de 2018. A companhia entregou 90,971 milhões de toneladas (Mt), alta de 5,5% ante igual período de 2023 e de 12,9% sobre o segundo trimestre.

Na ponta ganhadora, destaque para Embraer (+6,74%), Azul (+3,91%) e Vamos (+3,88%). No lado oposto, LWSA (-2,25%), IRB (-1,66%) e Azzas (ON -1,59%).

“Nas bolsas, houve um dia mais positivo em Nova York, o que ajudou a amenizar a volatilidade nos DIs”, diz Diego Faust, operador de renda variável da Manchester Investimentos, com a reversão, na terça, entre a ponta curta e a longa da curva de juros, com vencimentos mais curtos, como os de 2026, 2027 e 2028, pagando então mais do que prazos como o de 2031.

Piora fiscal ‘alimenta’ alta de futuros

Os juros futuros fecharam em alta, nessa quarta-feira (16), pressionados pela percepção negativa do cenário fiscal. O exterior trouxe alguma apreensão pela via indireta, do câmbio, com a eleição dos EUA no foco dos investidores.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou em 12,64%, de 12,61% ontem em ajuste, e a do DI para janeiro de 2027, em 12,81% (de

12,73% ontem). A taxa do DI para janeiro de 2029 avançou de 12,72% para 12,82%.

Com as taxas longas subindo mais do que as curtas, a curva ganhou inclinação, movimento típico de momentos de tensão fiscal. O mercado se assustou com os projetos encaminhados ao Congresso que afrouxam regras para que empresas públicas saiam da contabilidade tradicional e passem a gastar como instituições inde-

pendentes, ainda que dependam de dinheiro do Tesouro. O Ministério do Planejamento, que assina a proposta, diz que a mudança melhora a situação fiscal, pois hoje os recursos próprios dessas estatais também acabam entrando no Orçamento e concorrem com outros gastos da administração.

Entre os problemas da medida, a Warren Investimentos aponta possível falta de transparência, pelo não registro das

operações no Siafi, e a alegação inadequada de que as empresas se tornariam mais eficientes e menos dependentes do Tesouro. “Não é a falta de contrato de gestão que as faz menos eficientes ou dependentes. Nada as impede de se tornarem independentes e, assim, deixarem de integrar o orçamento federal”, afirma. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que “não há hipótese de tirar as estatais do arcabouço”